



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS
RAINHA DONA LEONOR

Jornal Académico

Nº 81 — Dezembro 2018

A Física e a Química do Natal.



Presépio da Física e Química em exposição no átrio dos laboratórios.

Web Summit

Considerado o maior evento de tecnologia, empreendedorismo e inovação da Europa, a *Web Summit* reúne oradores, com o intuito de partilharem as suas opiniões e ideias progressistas, que traduzem um notório avanço, cada vez mais rápido, da tecnologia

Páginas 14 e 15



Cidadania -

Palestra na Escola com Farid

Farid começou por nos contar que teve que percorrer uma longa viagem, muito complicada, até chegar ao seu destino final: Portugal.

Página 11

Violência no Namoro

No dia oito de novembro, a nossa turma assistiu a uma palestra sobre a violência sexual, no âmbito da disciplina de Cidadania e Desenvolvimento, dinamizada pelo Dr. Ângelo, da Associação *Quebrar o Silêncio*.

Página 12

Contadores de Estórias

Se Eu Fosse uma Galáxia

Página 24

Visões diferentes do Natal

Página 28

O Prémio Literário foi atribuído ao poema "Cabeça no Ar" de Daniel Santos e João Galrito, 8º ano.

Editorial

Coincidências!

Faz agora um ano, as notícias que aqui chegavam falavam-nos da modernidade, dos avanços tecnológicos, do futuro que teima em vir até nós pela Web Summit, que assegurámos (o nosso Presidente da República e demais governantes) manter-se por cá mais dez anos e, então, tenham paciência, mas o assunto não se esgota e, pronto ... cá estamos a repetir! Mais que não seja pela falta de outro assunto!

Mas se pensam que não há mais nada para nos surpreender, desenganem-se, as novidades surgem a um ritmo avassalador – e EUREKA! – já há carros autónomos que até poderão voar, mas pasme-se, afinal nem todas as novidades são boas e na modernidade de que enchemos o peito há as “fake news” (que não são assim tão modernas), o perigo para a democracia com a utilização de dados pessoais dos utilizadores das redes sociais (AH! Mas estejam descansados, Mark Zuckeberg foi ao Parlamento Europeu porque o Facebook precisa de clarificar, diante dos representantes de 500 milhões de europeus, que os dados pessoais não são usados para manipular a democracia")

Continuamos a viajar para o futuro, até à 4ª Revolução industrial e até à forma como temos que ser melhores cidadãos, à forma como podemos e devemos praticar o exercício de cidadania que contribui para o desenvolvimento, não deixa ninguém para trás, respeita os direitos de todos os homens e mulheres. E, porque o caminho foi longo até aqui chegar, porque temos que ter memória, porque ainda há um longo caminho a percorrer, hoje, no dia em que este jornal sai, dia 10 de dezembro de 2018, comemoramos os 70 anos da Carta Universal do Direitos Humanos.

E com a alegria adequada à época natalícia, despedimo-nos de todos vós e também do ano velho que se fará novo daqui a pouco e em que, como sempre, esperamos ser felizes e a dar notícias e a contar histórias, estas sim, verdadeiras!



As Coordenadoras

Nesta edição:

| | |
|---------------------------------|---------|
| Momentos Reais | 3 a 13 |
| Web Summit | 14 e 15 |
| Cada Cabeça Sua Sentença | 16 a 19 |
| Os Nossos Artistas | 20 e 21 |
| Os Nossos Poetas | 22 e 23 |
| Contadores de Estórias | 24 e 25 |
| CREM | 26 |
| SPO | 27 |
| É Natal! | 28 |



- FICHA TÉCNICA -

COORDENAÇÃO: Ana Veríssimo, Lucília Cid, Sarah Serra

COLABORAÇÃO: Augusta Crespo, Prof. Fátima Magalhães e Prof Adriana Fernandes

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS RAINHA DONA LEONOR

Rua Maria Amália Vaz Carvalho, 1749- 069 Lisboa

<http://www.aerdl.eu>



Projeto Escola Embaixadora do Parlamento Europeu

No dia 23 de Novembro, a Escola Secundária Rainha Dona Leonor teve a honra de receber a visita do eurodeputado (do PCP) João Ferreira. Esta atividade surge no âmbito do Projeto Escola Embaixadora do Parlamento Europeu em que a Escola está a participar.

Cinco turmas do Ensino Secundário, das áreas de Economia e de Línguas e Humanidades encheram o Auditório da Escola, onde o Dr. João Ferreira dinamizou uma apresentação acerca do funcionamento das instituições europeias e deu voz aos alunos para colocarem algumas dúvidas acerca da atualidade governativa europeia e da atividade que o Senhor deputado tem vindo a desenvolver no Parlamento Europeu.

Agradecemos à Direção por auto-



rizar a realização desta conferência e à professora Ana Oliveira por ter organizado esta atividade, deixando o mote para a realização de mais atividades relacionadas com as nossas

instituições políticas e em que exista espaço para o debate de ideias.

Gabriel Rodrigues

Filme Pedro e Inês



No dia 31 de outubro, todas as turmas do 9.º ano foram ao cinema, acompanhados pelos seus professores.

Quando falaram desta visita de estudo na aula, achei que poderia tornar-se um pouco aborrecida, mas

enganei-me! Pensei que, por ser um filme português, não iria gostar, pois a maioria dos filmes que vejo são em inglês.

O filme abordava a lenda de Pedro e Inês, uma linda história de amor de que sempre gostei. Fiquei com curiosidade desde o início, para saber como os atores interpretavam os papéis.

Uma das coisas de que mais gostei prende-se com o facto de conseguirem contar a mesma história em três tempos (passado, presente e futuro). O passado passou-se no tempo dos reis, o presente num escritório de

arquitetura e o futuro numa selva, que provavelmente seria para podermos salvar a natureza. Também achei interessante que eram sempre os mesmo atores em todos os tempos, não só os principais mas também os secundários, e as suas personalidades são idênticas, o que mostra que o realizador esteve muito atento aos pormenores, o que é um aspeto muito importante.

Esta história toca-me muito, pois consigo ver o que alguém consegue fazer por amor.

Raquel Bajouca

Visita ao CIB - Centro de Interpretação da Batalha de Aljubarrota



As turmas do 10º ano do Curso de Línguas e Humanidades, realizaram no dia 16 de novembro uma visita de estudo ao Centro de Interpretação da Batalha de Aljubarrota e às minas de Santo António, no âmbito das disciplinas de Português e Geo-

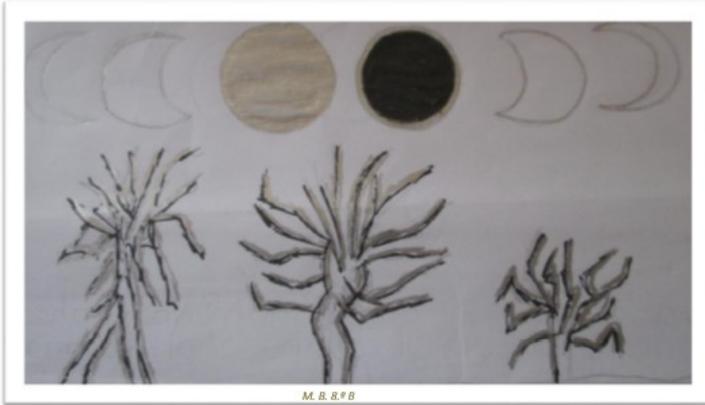
grafia, com um almoço na Escola Secundária da Batalha. Foi um dia bem passado onde, fora da sala de aula, aprendemos muito com boa disposição.

André Machado

Cabeças na Lua e Pés na Terra

História Breve da Lua

de António Gedeão



Tudo começou quando no ano letivo 2017/2018 a turma do 8ºB da escola Eugénio dos Santos leu a peça: “História Breve da Lua” escrita por António Gedeão e o aluno Francisco Ferreira teve a ideia de esta ser representada pela turma. Então, a partir desse dia, começou-se a trabalhar neste novo projeto.

Logo de início foram decididos personagens e funções:

Como Narrador- Sergey Philippov

Como Camponesa- Raquel Bajouca

Como Senhora do Mundo- Carlota Massano

Como Jerónimo- Tiago Calabaça

Como Agapito- Francisco Ferreira

Como Astrónoma- Patrícia Rebelo

Como Rapariga das Fases da Lua- Ada Cassueca

Como Ponto- Lisa Che

Como “Técnica Audiovisual”-

Francisca Faria Depois das funções decididas começou-se a pensar no figurino e principalmente no decorar das falas. Um certo tempo depois, o grupo conseguiu começar a ensaiar no auditório da escola e começar também a habituar-se ao espaço e a preparar o cenário.

O grupo treinava pelo menos uma vez por semana, com os livros que lhe tinham sido emprestados pela biblioteca da escola. Quando as datas foram finalmente definidas, e todos os membros se sentiram preparados, começou-se a anunciar as datas do espetáculo (boca a boca e por cartazes feitos pela aluna Madalena Barros também da antiga turma 8ºB).

A peça foi apenas apresentada às turmas do 5º ano, com o intuito, não só de entreter, mas também de fazer os mais recentes membros da escola sentirem-se incluídos na nossa comunidade escolar.

Quando ao título deste relato; a turma B (7º, 8º, e 9º ano dos anos letivos 2016/2017, 2017/2018 e 2018/2019 respetivamente) tem todos os anos um projeto diferente, o primeiro sobre o MAR, de seguida o AR e este ano a TERRA. Assim “Cabeças

na Lua” pelo facto de o tema da peça e da localização deste satélite, que estava relacionada com projeto do respetivo ano; “pés na Terra” graças ao projeto que será realizado este ano.

Patrícia Rebelo

Era assim o nosso convite...

Teatro

“História Breve da Lua”

Uma peça que será representada por alunos do 8ºB da Escola Eugénio dos Santos, entre os 13 e os 15 anos. Com o apoio das professoras: Paula Crispim e Margarida Alpalhão.

Horário do começo de cada uma das sessões: 14:15h; 16:00h (14 junho) e 08:30h (15 junho)

Duração da peça: prevista para 01:00h

Peça composta por: sete personagens

Local da representação: sala nº20 (último andar)

Apareçam! Será muito importante para nós o vosso apoio e interesse. Obrigada.

No Estádio do Jamor



um campeonato de PADEL. Nesse dia ainda tivemos os primeiros qua-

No dia 20 de setembro, o nono ano da Escola Eugénio dos Santos foi todo ao Jamor a

renta e cinco minutos de aulas da manhã. Às nove, entrámos no autocarro e partimos de viagem até ao Jamor. Quando lá chegámos distribuíram-nos umas fitas e uma t-shirt para podermos entrar. Entrámos num recinto onde tivemos de ficar todos calados, numa fila, à espera que uma das equipas ganhasse o primeiro ponto.

Finalmente pudemos entrar, mas

tivemos de nos sentar logo e ficar calados, pois o som projetava-se todo para dentro do campo.

Vimos um primeiro jogo e como ainda tínhamos tempo, acabámos por ver mais um pouco do seguinte. Às 12:30 tivemos de vir embora: entrámos no autocarro e partimos para a viagem para a escola.

Francisca Pombo,

Visita à Igreja de S. Roque

A Igreja de São Roque, que tivemos a oportunidade de visitar no passado dia 16 de outubro, trata-se de uma igreja barroca do século XVII que pertenceu à Companhia de Jesus.

Antes de entrarmos na Igreja, reunimo-nos lá fora para uma breve explicação daquilo em que iria consistir a visita e ainda para tirarmos uma foto de grupo juntamente com o pregador de que tanto temos ouvido falar, Padre António Vieira.

No interior da Igreja, assistimos a uma apresentação feita por um dos guias sobre a vida do pregador jesuíta. As únicas diferenças entre esta breve palestra e as nossas aulas de português foram: o plano de fundo, que em vez de ser uma sala de aula era um altar encantador embelezado

pelas estátuas e pela talha dourada; o teto, que em vez de branco com nove lâmpadas a decorá-lo tinha a teologia católica pintada em estilo maneirista e, por último, o foco do estudo que, nas aulas, consistiu no sermão escrito por Padre António Vieira e nesta visita na sua vida e a sua relação com a história da Igreja.

Após a breve apresentação, demos uma volta pela Igreja e ouvimos atentamente a história por detrás de cada capela que nos ia sendo contada sempre muito entusiasticamente pela guia à medida que avançávamos. Antes de finalizarmos a visita, entrámos na Sacristia cuja decoração consistia em quadros alusivos à Paixão de Cristo e também em quadros dos episódios importantes da vida de São Francisco Xavier

e de Santo Inácio de Loyola.

Em conclusão, pode-se atribuir a importância desta visita de estudo ao valor histórico e cultural que a Igreja contém, assim como a toda a sua estrutura e decoração.

Joana Roseira



Foto de grupo das turmas 11º 1ª e 11º 2ª junto à estátua de Padre António Vieira, no Largo Trindade Coelho

A história que nos foi transmitida deste local começou em meados do século XVI, altura em que no lugar da atual igreja existia um cemitério (onde estavam enterrados os pestíferos) junto à antiga muralha fernandina. Dizia-se, na altura, que São Roque realizava inúmeros milagres, e, por isso, em 1506, o rei D. Manuel I solicitou a Veneza uma relíquia deste santo, com a intenção de assim proteger a população lisboeta. Logicamente, a relíquia não poderia ficar com qualquer pessoa ou num local pouco digno, pelo que D. Manuel I mandou construir uma ermida ao lado do cemitério onde se encontravam enterrados os pestíferos. Em 1540, a Companhia de Jesus chegou a Portugal e iniciou, a partir de Lisboa, a sua atividade missionária. Escolheu o paço da antiga ermida de São Roque para a construção da sua primeira igreja e Casa Professa. Em 1553, esta ermida foi concedida à Companhia de Jesus, tendo-se construído doze anos mais tarde a Igreja de São Roque, projetada por Afonso Álvares, mestre-de-obras de D. João III.

Passando para a estrutura da igreja, sabemos que tem um formato retangular e que é composta por uma só nave, uma capela-mor e outras oito capelas laterais: a Capela de Nossa Senhora da Doutrina, a Capela de São Francisco Xavier, a Capela de São

Roque, a Capela do Santíssimo, a Capela de São João Batista, a Capela de Nossa Senhora da Piedade, a Capela de Santo António e a Capela da Sagrada Família ou do Menino Perdido. Passamos para a Sacristia, local onde o Padre se prepara para dar a missa. De cada lado há um grande conjunto de móveis (um de móveis verdadeiros e outro de móveis falsos) que servem para guardar as vestes que o Padre utiliza ao longo do ano, tendo em conta o calendário litúrgico. Ainda neste local temos três níveis de pinturas que rodeiam toda a Sacristia. No primeiro nível de pinturas, são representados momentos importantes/marcantes da vida de São Francisco Xavier, evidenciando alguns dos milagres que realizou no decurso das suas viagens missionárias ao Oriente. Na segunda série, as pinturas são alusivas à “Paixão de Cristo”, intercaladas por quadros alegóricos com frases bíblicas. No último nível, mas não menos importante, situam-se pinturas que representam episódios da “Vida de Santo Inácio de Loyola”. Numa destas pinturas há uma coincidência bastante interessante, é-nos possível observar um “pote” da época idêntico a outro exposto no museu.

Chegamos ao museu. Passamos para uma secção que nos fala sobre a história de São Roque, sobre as suas aventuras, sobre os seus milagres, etc. Nesta secção é-nos mostrada ainda

uma relíquia de São Roque que não se sabe se é a que o rei D. Manuel I solicitou, mas sabe-se ser um pequeno fragmento do osso do braço. Quase no final da visita foi-nos mostrada uma secção dedicada à Rainha Dona Leonor. Achei interessante mencionar esta secção, tendo em conta que é a rainha que dá nome à nossa escola. Nesta secção há uma estátua da rainha igual à que se encontra na nossa escola, mas de pequenas dimensões, tratando-se de um estudo. Chegamos, por fim, à última sala do museu. É uma sala longa onde antigamente se encontrava o tesouro da Capela de São João Batista. Esta sala, para além de ter sido a primeira zona do museu a ser construída, tem também um valor histórico por ter sido nela que se deu a primeira extração da lotaria nacional que durou 34 dias. A lotaria nacional foi criada no século XVIII, sendo nessa altura realizada com um sistema de papelinhos, alguns tinham prémio e outros não. Todos os jogos sociais como a lotaria, o totoloto, a raspadinha e o euro milhões são responsabilidade da Santa Casa da Misericórdia, e, por ter sido naquela sala que se deu a extração da primeira lotaria nacional, a sede desta grande instituição encontra-se mesmo ao lado do museu.

Texto adaptado de

Ana Mendonça

No CCB - Coleção Berardo

Dia 6 de outubro tivemos uma visita de estudo ao CCB, à coleção Berardo, e achei muito interessante, pois gosto de arte. Esta era diferente pois era abstrata, mas bonita na mesma. Foram todas as turmas do nono ano nesse dia e penso que todos gostaram, pois os guias explicavam bem. Pelo menos o que acompanhou a minha turma foi bem explícito. A coleção tem bastantes peças, mas não as vimos todas, vimos algumas das quais nos explicaram a autoria, o ano em que fora feita e a "história" da pintura.

Aquilo de que eu mais gostei foi a escultura que anunciava que se auto-destruía, pois fez-me lembrar de várias coisas, porque é um pouco



como a vida: as pessoas todos os dias mudam, pode ser muito pouco, mas

mudam e ao fim de algum tempo nota-se a diferença. E foi por isso que eu gostei desta escultura. Mas também houve outras bastante interessantes, como um quadro completamente preto que se olhássemos na diagonal, ou para o centro da pintura durante algum tempo, víamos quatro quadrados pretos, porque, ao fazer o quadro, o pintor desenhou quatro quadrados de cor diferentes, depois pintou-os com o mesmo tom de preto. Achei interessante, pois tem um ponto de vista diferente. Também vimos um quadro que, supostamente, era uma mulher sentada. Alguns amigos meus conseguiram vê-la, mas eu não consegui: eu via um mocho na pintura, coisa que não tem nada a ver com o suposto.

O nosso guia deu-nos folhas brancas e desafiou-nos a desenhar a nossa professora de português. Desenhámo-la em um minuto, quarenta segundos, quinze segundos e em cinco segundos, pois o objetivo era que, no

final, ficasse o mais abstrato possível. Mais tarde, também tivemos de desenhar o nosso guia, pois ele disse que era muito vaidoso e que queria que o desenhassemos. Então tínhamos alguns segundos para o fazer, depois desses segundos acabarem, tínhamos de passar os nossos desenhos ao colega do lado para ele acabar o nosso desenho e fomos fazendo assim até o desenho estar completo. O guia deu-nos outro exemplo com duas pessoas, uma numa ponta da sala e a outra mais perto da nossa turma para nós compararmos o tamanho e a profundidade. Depois o guia desenhou essas pessoas tal e qual como as via e perguntou-nos quem é que era maior e o que estava mais perto, nós respondemos e ele afirmou que tínhamos sido a turma mais rápida a responder à questão. Enfim, eu gostei muito da visita e considero que foi produtiva em vários sentidos.

Madalena Barros

Dar Voz à Liberdade

Nos dias 14 e 21 de novembro, a turma 9 do 12º ano participou no Projeto (promovido pela Companhia Nacional de Bailado) "De que é que tens medo?".

Sáímos da Escola, no dia 14 de novembro, rumo ao Teatro Camões, onde nos esperava Pedro Mascarenhas, assistente de comunicação no Gabinete de Comunicação e Marketing da CNB, para uma explicação breve sobre o filme e o bailado que iríamos ver.

Começámos por ver um filme concebido por João Botelho e Paulo Ribeiro em torno da obra de Ravel "La Valse, un poème chorégraphique", uma encomenda para os Ballets Russes, que só trinta anos mais tarde foi coreografada por Balanchine. Seguiu-se o bailado "A Sagração da Primavera" que, apesar de ser bastante famoso hoje em dia, foi bastante polémico quando foi apresentado pela primeira vez, em Paris, em 1913, escandalizando a sociedade da época pelo seu carácter "primitivo", quer a nível musical e de argumento (Igor Stravinsky), quer a nível dos figurinos (Nicholas Roerich), quer a nível

coreográfico (Vaslav Nijinsky). O bailado conta a trajetória de uma rapariga escolhida para ser sacrificada de modo a que o seu povo tenha uma colheita proveitosa.

No fim do espetáculo, conversámos mais um pouco com Pedro Mascarenhas e imortalizámos o momento com uma foto de grupo inspirada no bailado que acabáramos de ver.

No dia 21 de novembro, voltámos ao Teatro Camões, desta vez para aquilo que foi chamado de "conversa aberta".

Começando com uma introdução da jornalista Cristina Peres e do arquiteto Philip Cabau, a conferência decorreu de um modo bastante informal. Os alunos apresentaram trabalhos que tinham preparado, sendo-lhes colocadas questões sobre os mesmos. Os alunos escolheram diversas formas de abordarem os temas e apresentaram vídeos, colagens, resultados

de questionários, leram poemas e interpretaram músicas.

Ambas as visitas foram muito interessantes. Conhecemos uma obra tão marcante, "A Sagração da Primavera", que ainda hoje em dia é alvo de inúmeras recriações e, quanto à Conferência, além de nos ficarmos a conhecer melhor, também ficámos a conhecer melhor os nossos colegas e fomos compelidos a pensar e a apresentar trabalhos sobre temas tão importantes como liberdade de expressão, limites e transgressão.

Matilde Freitas





Renova & Centro de Ciência Viva do Alviela

No dia 21 e 22 de novembro de 2018, as turmas do 9º ano, da Escola Eugénio dos Santos, rumaram à Fábrica da Renova, uma empresa 100% portuguesa, situada no concelho de Torres Novas, distrito de Santarém, que produz artigos descartáveis em papel tissue para uso doméstico e sanitário, bem como papéis para impressão e escrita. Nesta visita, no âmbito das disciplinas de Geografia e Físico-Química, aprendemos que:

1818 – Nascimento da marca Renova ...

1939—Constituição da sociedade por quotas “Fábrica de Papel do Almonda, Lda;

1958—1º rolo de papel higiénico Renova Super;

1990— Constituição da Renova España SA e início do grande investimento em reciclagem e integração com a natureza;

2005—Comercialização mundial do renova black;

o destino da produção abrange 70 países, espalhados pelos 5 continentes;

o uso de recursos naturais de forma sustentável é uma prioridade desta unidade fabril;

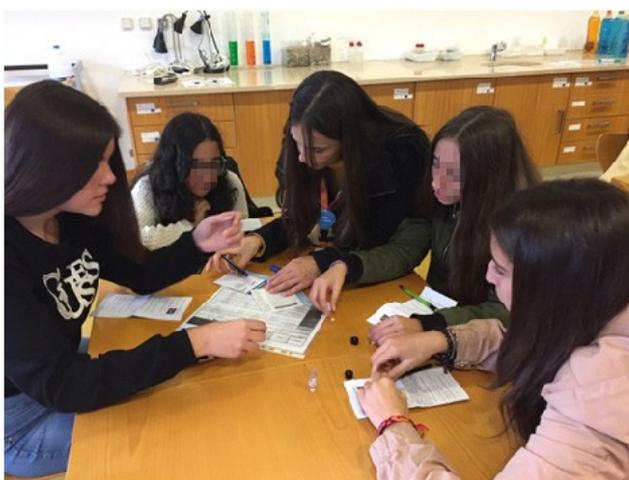
o papel aí produzido é maioritariamente reciclado (1000 Kg de papel velho evita o abate de 12/14 árvores)

utiliza corantes naturais não tóxicos;

reutiliza parcialmente o efluente tratado na própria ETAR diminuindo, assim, a quantidade de água a retirar do rio Almonda.

Nesse mesmo dia, aproveitámos a proximidade do Centro de Ciência Viva do Alviela e fizemos uma visita, embarcando na “pele” de um morcego e de uma gota de água ...

Deixamos algumas imagens de um dia cheio de aulas diferentes.



Professoras:
Conceição Ganhão,
Isabel Gonçalves,
Liliana Domingues,
Palmira Farinha e
Patrícia Gameiro

Visita de Estudo à Herdade do Freixo do Meio em Montemor-o-Novo

No âmbito da disciplina de Geografia, no dia 30 de outubro, fomos visitar a Herdade do Freixo do Meio em Montemor – o – Novo. A visita foi conduzida pelo geógrafo alemão, Sven Johansen, a trabalhar na Herdade. Começou por uma explicação sobre a história e estratégia da organização, seguindo-se um passeio pelos diversos espaços agro-florestais, hortas e unidades de transformação. Ficamos a saber que em 1990, uma nova geração, elegeu a Agroecologia como ética de gestão, regressando ao Agroecossistema medieval do montado, como forma de abordar o presente e construir o futuro.”

Rita Rodrigues, Sofia Matias



“O montado foi criado pelo Homem em associação com a natureza e consiste em florestas de sobro e de azinho, intercaladas por arbustos de pequeno porte e vegetação ainda mais rasteira. Com este modelo, debaixo dos sobreiros e das azinheiras gera-se um ambiente mais húmido e fresco, propício à criação de gado e à fertilização do próprio solo. Nesta herdade, a criação do porco preto serve como um bom aliado rural, uma vez que bem adaptados à região, revolvem e estrumam a terra, substituindo de forma mais eficaz a maquinaria moderna. Pratica-se o modo de produção biológica, coexistindo preocupações com o bem estar animal, a redução da pegada ecológica e a multifuncionalidade do espaço rural, em sintonia com as aspirações mais recentes da PAC – Política Agrícola Comum. Na Herdade rejeita-se a agricultura intensiva de monocultura, que prejudica o solo, utilizam-se as energias renováveis e o gado é alimentado quase que exclusivamente com o que nela é produzido.

Os gerentes procuram ter uma influência positiva na comunidade, preocupam-se com a criação de postos trabalho e proporcionam boas condições de trabalho. Por outro lado, cooperam com a vários projetos de investigação científica. A Herdade recorre a atividades complementares para se sustentar, tais como a transformação de ali-

mentos (tomate seco, vinho, azeite, biscoitos, farinha e café de bolota, salsichas...), bem como a distribuição destes através do seu site on-line e de uma loja no Mercado da Ribeira; promove-se o turismo de natureza e visitas de estudo.

A visita de estudo, para além de integrar os conteúdos lecionados nas aulas de Geografia, elucidou-nos sobre a responsabilidade que todos temos como seres humanos em revolucionar os métodos praticados na agricultura. Na nossa qualidade de consumidores, devemos preocupar-nos em escolher produtos oriundos de quintas, onde se praticam boas práticas, ambientais e sociais.

Íris Marques, Mafalda Carvalho



Esta visita organizada pela professora de Geografia, Eduarda Pina, contou com a colaboração preciosa dos DT, Calos Fontes (11^o6) e Luísa Teresa (11.9), bem como da professora de Filosofia, Lurdes Pequito.



A apanha da azeitona manual



Rapazes do 7º ano vencem 1º torneio do Desporto Escolar de Lisboa



Os nossos jovens jogadores de Voleibol iniciaram a sua participação nas competições do Desporto Escolar com uma vitória surpreendente. Com pouco tempo de trabalho e pela primeira vez a jogarem Voleibol, os

nossos meninos brilharam, vencendo na final, o Colégio Valsassina. O sorriso esteve presente, embora por vezes, o nervoso miudinho falasse mais alto, mas a conquista de pontos foi superior.

Nas meninas, a participação foi com duas equipas. Numa fase mais atrasada de preparação o lugar alcançado é também um grande feito - 3º lugar em cada grupo. O próximo

encontro é em Fevereiro e até lá a receita habitual - Voleibol três vezes por semana e muita responsabilidade nos estudos.

João Saudade

prof. Voleibol Desporto Escolar

Grupo Coral

Ainda que os ensaios nas respetivas escolas sejam em dias/horários diferentes, alunos da Eugénio dos Santos e do Rainha Dona Leonor conseguiram reunir-se na 5ª feira, 22 de novembro, para cantarem em conjunto.

Na 4ª 5ª feira de NOVEMBRO celebra-se nos EUA, com feriado nacional e grande reunião de família, amigos, o DIA DE AÇÃO DE GRAÇAS. Em Portugal não é feriado, mas mostrar GRATIDÃO e APRECIÇÃO é assunto que tem lugar todos os dias.

A grande festa do THANKSGIVING foi assinalada pelo GRUPO CORAL RDL-ES tanto no hall de entrada do Rainha D. Leonor, como no átrio principal da Eugénio dos Santos, com os temas musicais LET'S BE THANKFUL FOR THIS DAY e THANK YOU! THANK YOU!

Sobre os Apontamentos de NATAL... estão aí à porta e serão:

- na Eugénio dos Santos: na 5ª feira, dia 6 de dezembro, no átrio de entrada, pelas 13.20.

- no Rainha D. Leonor: na 3ª feira, dia 11 de dezembro, no auditório, pelas 12.45.



Podes ir com um teu Professor e Turma, ou vem por ti, se não tiveres aula. Os Pais e Familiares também estão convidados.

Teresa de Jesus Fernandes
(Inglês-RDL) e

Miguel Rodrigues (Música-ES)



Thanksgiving quer dizer perceber motivos para dar graças...

Para mostrar gratidão e valorizar o que temos, para percebermos que há muitos motivos de alegria e contentamento, em vez de só queixas e reclamações pelo que não há, pelo que não temos, comemora-se em outubro, no Canadá, em novembro nos EUA, mas também um pouco por todo o mundo em várias datas, em muitos dias.

Agradecer também faz bem a quem ouve um "Obrigado!" reconhecido.

Os alunos de 7º ano no Rainha Dona Leonor



Congresso Internacional do Conselho Português para os Refugiados

No dia 8 de Novembro os alunos do 11º ano do curso profissional foram assistir ao congresso de refugiados na fundação Calouste Gulbenkian, onde estiveram presentes a Diretora do CPR (Conselho Português para os Refugiados) e o Sr. Presidente da República, Dr. Marcelo Rebelo de Sousa.

Nesta deslocação à Gulbenkian, os alunos encontraram-se às 9 horas da manhã à porta do edifício, com a professora de AI (Área de Integração), Dra. Ana Isabel.

O congresso começou com o discurso da Diretora do CPR e houve palestras pela manhã fora. Estas duraram até às 13 horas da tarde, depois os presentes na sala foram dispensados para duas horas de

almoço.

Após a hora de almoço, tivemos a oportunidade de ouvir as histórias de **Farid Mohamed**, Vimbery e Viviana, vindos do Afeganistão, do Zimbábue, Síria e da República do Congo com a participação do nosso Presidente da República, Dr. Marcelo Rebelo de Sousa, assim como também a Diretora do CPR (Conselho Português para os Refugiados).

Para finalizar, tivemos o prazer de assistir a uma representação teatral de um grupo de refugiados..

No final desta palestra, o Presidente saiu tal como os alunos. E três deles tiveram a oportunidade de tirar uma “Selfie”.

Frederico, João Correia, Rafael, Ricardo S e Rodrigo



Palestra na Escola com Farid (refugiado afegão)

Atualmente, o tema dos refugiados é um tema muitíssimo debatido pelos Estados-membros da União Europeia, devido à vaga de refugiados que todos os dias chega aos portos europeus vinda do Médio Oriente.

Um refugiado é todo aquele que por motivos como a guerra, violação dos direitos humanos, perseguições raciais, religiosas e/ou políticas se vê na necessidade de abandonar o seu país de origem e buscar asilo noutra país.

Farid começou por nos contar que teve que percorrer uma longa viagem, muito complicada, até chegar ao seu destino final: Portugal.

Quando ele era pequeno, a sua cidade estava constantemente em guerra, mas para além disso, já era um perigo sair de casa, como simplesmente ir à escola sem ter o receio de morrer. Houve um dia que foi muito marcante para ele, onde percebeu o grande valor de “amizade” pois enquanto ele estava em casa doente, a sua escola explodiu sem que sobrevivesse nenhum dos seus amigos.

Farid perdeu-se dos pais e do irmão por causa da guerra e, aos 8 anos, decidiu fugir porque senão acabaria por ser morto. Andou milhares

de quilómetros a pé, atravessando montanhas e passou muita fome, tendo que caçar animais de pequeno porte para se alimentar. Não percorreu todo o caminho sempre sozinho, mas a maioria, pois às vezes encontrava pequenos grupos que o ajudavam.

Penso que a visita do refugiado afegão **Farid Walizadeh** foi bastante produtiva, pois ao contar a história da sua vida lembrou-nos do quão difícil e árdua a vida pode ser. Como ele disse: “Nem todos temos a sorte de nascer num país em paz”. A nossa geração nasceu e cresceu num país em paz, logo nunca pensamos como seria a nossa vida se assim não o fos-

se.

A visita do Farid ajudou-me a mim e a todas as pessoas presentes a perceber toda a dor e todo o sofrimento que a guerra pode causar, a discriminação que os refugiados sentem nos países que os acolhem e também nos ajudou a perceber que todos devemos lutar pela paz (seja no nosso país ou no mundo), pois esta é o nosso bem mais precioso.

João Alves

de quilómetros a pé, atravessando montanhas e passou muita fome, tendo que caçar animais de pequeno porte para se alimentar. Não percorreu todo o caminho sempre sozinho, mas a maioria, pois às vezes encontrava pequenos grupos que o ajudavam.

Percorreu o Paquistão, o Irão e por fim, chegou à Turquia. A dada altura, um homem deu-lhe dois quilos de cocaína dizendo-lhe que era açúcar, enganando assim Farid; sendo ele ainda muito novo, não tinha a noção da gravidade da situação pois para ele era só mais peso na sua mochila. Acabou por ser apanhado e preso pelas autoridades, sendo primeiro encaminhado para um orfanato e só depois para um campo de refugiados.

Chegou a Portugal aos 15 anos, com a ajuda de um homem da coordenação do campo de refugiados, que o direcionou. Começou a frequentar a escola, e o começo foi complicado, pois muita gente o julgava por ele vir do Afeganistão, chamando-o terrorista. Ainda nessa altura apercebeu-se da sua paixão pelo boxe e desde aí treinou tanto que se tornou 2 vezes campeão de Portugal.

Hoje, Farid tem uma vida completamente normal, trabalha, conseguiu trazer a família até ele e em breve escreverá um livro sobre a sua vida a pedido do nosso presidente, Marcelo Rebelo de Sousa.

Catarina Gomes, Constança Fragoso

Palestra: “Violência no Namoro”

No dia oito de novembro, a nossa turma assistiu a uma palestra sobre a violência sexual, no âmbito da disciplina de Cidadania e Desenvolvimento, dinamizada pelo Dr. Ângelo, da Associação *Quebrar o Silêncio*.

Nesta palestra foram abordados vários tópicos. Ficámos a saber, por exemplo, que a Quebrar o Silêncio é a única organização portuguesa especializada em tratar vítimas de abuso sexual do sexo masculino.

Na sua comunicação, o Dr. Ângelo Fernandes salientou o tempo excessivo que uma vítima do sexo masculino demora a procurar apoio e a partilhar a sua experiência com uma instituição de apoio às vítimas de violência sexual. De acordo com um estudo comunicado na apresentação, em média, apenas após 26 anos é que as vítimas do sexo masculino decidem quebrar o silêncio.

Foi referenciado o caso de um homem que foi abusado quando ainda era criança e que só após completar sessenta anos de idade teve coragem de pedir ajuda à associação, tendo lidado com o trauma de forma solitária ao longo de toda a vida.

Na generalidade, quando ouvimos a expressão “violência no namoro”, pensamos logo naquilo que o homem poderá fazer à mulher.

O objetivo desta palestra foi precisamente mostrar o que acontece quando são os homens as vítimas. Na maioria dos casos, os homens demoram entre 20 a 30 anos para ganhar coragem para falarem com alguém, sobre este acontecimento, e alguns deles nunca chegam a dizer que foram vítimas.

Violência no namoro é um ato que não deve ser praticado, por deixar marcas físicas e psicológicas na vítima.

Na maior parte dos casos de violência no namoro a mulher é a vítima e o homem o agressor, mas quando a situação é inversa, o homem em quase todos os casos fica em silêncio e não denuncia a sua situação a nin-

guém. Todo este tempo de silêncio deve-se ao facto de as vítimas apenas 26 anos depois do abuso, em média, perderem a vergonha ou o embaraço e terem finalmente a coragem de partilhar a sua experiência. Os estereótipos estabelecidos pela sociedade em relação ao conceito de masculinidade agravam ainda mais a situação e fazem silenciar as vítimas.

Outro tópico abordado foi o facto de muitos casos de abuso ocorrerem dentro da família ou por parte de pessoas próximas das vítimas (vizinhos, amigos dos pais, etc.).

Falou-se, igualmente, sobre a importância do consentimento numa relação sexual e de intimidade, por exemplo no namoro, e sobre o perigo da manipulação do discurso do outro. Ou seja, quando uma pessoa transforma o não da outra num sim, isso não é consentimento, mas sim abuso sexual.

Foram-nos dadas orientações sobre como reagir caso algum amigo nosso nos relatasse que tinha sido vítima de violência sexual. É muito importante que saibamos como lidar com uma situação destas. Afinal, não sabemos o que pode acontecer a

Ficámos alertados para o facto, de que por norma, são homens que fazem violência a homens, sendo que na maioria das vezes são homens casados e com filhos.

O orador, que nos deu a conhecer mais sobre este assunto, fazia parte de uma linha de apoio para homens que sofrem de violência e alertou-nos para várias situações a ter em conta nas relações que possamos vir a ter.

Em suma, o que podemos concluir sobre esta palestra é que devemos ser sempre bons amigos e não devemos

guém.

A violência no namoro tem muitas consequências para a vítima como, por exemplo, a ansiedade, depressão, trauma e até em casos sérios, morte.

Assim, a violência no namoro é algo sério, delicado e afeta a vida de pessoas, por vezes, permanentemente.

QUEBRAR O SILÊNCIO

quem está à nossa volta.

Um aspeto importante a reter desta palestra é que devemos ter consciência de que as vítimas podem ser tanto do género masculino como do género feminino.

Muitos dos tópicos abordados na palestra não são muito falados no dia a dia, sendo considerados tabu, embora devessem sê-lo, especialmente na comunidade escolar. No caso de algum aluno ou aluna ser vítima de abuso sexual, deve saber como pedir ajuda e, para além disso, cada um de nós deve estar preparado para lidar com a situação da maneira mais correta por forma a melhor ajudar e apoiar um amigo nosso que seja a vítima, pois estas vivências são traumatizantes e deixam marcas para toda a vida.

Carolina Gomes, Guilherme Alves, Gustavo Perim, Joana Freire, Luísa Vieira, Maria Beatriz e Maria Venade

Julgar outras pessoas que possam ter sido vítimas de violência, e que quando estamos numa relação devemos sempre respeitar o outro, para que também possamos ser respeitados. Sempre que soubermos de um/a amigo/amiga que seja vítima de violência, devemos sempre ajudar, e não dizer coisas que possam magoar.

Daniel Figueira, Dinis Sousa, Francisco Cardoso, Matilde Ribeiro, Sofia Rodrigues

A violência, hoje em dia é cada vez maior na sociedade em que vivemos. A palestra mostrou-nos que é importante conhecer estes problemas, para sabermos como ajudar.

Ídia Singh; Guilherme Rocha; Constança Fragoso; Raquel Pereira

Programa “Jornalistas no Palácio de Belém” com Fátima Campos Ferreira

No terceiro encontro do Programa “Jornalistas no Palácio de Belém”, a jornalista Fátima Campos Ferreira manteve uma conversa com alunos de várias turmas de alunos do Ensino Secundário sobre a sua experiência enquanto jornalista, tendo o Presidente da República estado presente em parte da sessão.

Estiveram presentes alunos do 10.º e 12.º ano da Escola Secundária Rainha Dona Leonor de Lisboa, e alunos do 9.º ano da Escola Secundária Fernando Namora de Condeixa e da Escola Secundária Dr. João de Araújo Correia do Peso da Régua.

O Programa “Jornalistas no Palácio de Belém”, que se iniciou no passado dia 23 de outubro, decorrerá até 11 de dezembro de 2018 e destina-se a **sublinhar a importância da informação rigorosa na formação cívica e no aprofundamento da democracia.**

A iniciativa, que decorre às terças-feiras no Palácio de Belém, prevê a realização de um debate entre o jornalista e os alunos, com a duração de aproximadamente uma hora.

O Programa “Jornalistas no Palácio de Belém” conta com a colaboração do Plano Nacional de Leitura e da Rede de Bibliotecas Escolares.

Uma tarde no Palácio de Belém com a Jornalista Fátima Campos Ferreira

No início do mês de outubro, a nossa professora de Cidadania, a Dr.ª Ana Sá, informou a turma acerca do projeto “Jornalistas no Palácio de Belém”. Explicou-nos os objetivos do projeto e informou-nos que cada turma teria que selecionar três alunos para a representarem nesta iniciativa, de modo a que todas as turmas de 10.º ano pudessem estar representadas (o número limite de alunos por escola era trinta e cinco).

Enviada a candidatura, foi-nos comunicado, passada cerca de uma semana, que a nossa escola tinha sido selecionada para passar a tarde do dia 6 de novembro com a jornalista Fátima de Campos Ferreira.

Procedeu-se então à divisão da turma em grupos e cada grupo teria

de elaborar uma questão que gostaria que as três alunas colocassem à jornalista e refletir sobre a importância da informação rigorosa na formação cívica e no aprofundamento da democracia. Posteriormente, cada grupo de trabalho apresentou as suas conclusões.

No dia 6 de novembro, à hora indicada, todos os alunos participantes na atividade encontraram-se na portaria da escola, prontos para se deslocarem de autocarro até ao Palácio de Belém. Ao chegar, mostraram-nos uma pequena parte do museu da Presidência da República. De seguida, levaram-nos para uma sala onde iria decorrer a sessão, e informaram-nos que esta seria gravada.

Começou, assim, este encontro e debate com um discurso da jornalista, sobre o que era o jornalismo e a importância deste na sociedade. De seguida foram postas variadas questões pelos alunos, que iam desde perguntas mais pessoais, como o porquê de a jornalista ter escolhido aquela profissão, a perguntas sobre o seu programa “Prós e Contras”, as Fake News e sobre o jornalismo na democracia e num estado não democrático. Quando se aproximava o final da sessão, o Presidente entrou na sala, mas saiu quase de seguida. Apesar da sua curta presença, esta foi apreciada por todos.

No fim do debate e depois de ser dada uma salva de palmas à jornalista, foi-nos dito que o Presidente nos iria oferecer um lanche que se encontrava servido na varanda do palácio.



Refletindo sobre esta atividade, podemos considerar que ela foi extremamente positiva, pois permitiu sensibilizar os alunos sobre o poder da informação e colocá-los em contacto com figuras públicas que geralmente não estão ao alcance dos jovens.

**Íris Ribeiro, Laura Tavares,
Sofia Nunes**





LISBON, NOVEMBER 5-8, 2018

Considerado o maior evento de tecnologia, empreendedorismo e inovação da Europa, a **Web Summit** reúne oradores, com o intuito de partilharem as suas opiniões e ideias progressistas, que traduzem um notório avanço, cada vez mais rápido, da tecnologia. Pensemos, por um instante, na tecnologia como um veículo, cujo condutor somos nós. Estará a sociedade a utilizar corretamente as mudanças ou a esticá-las até ao limite de rotação, para o veículo ganhar maior velocidade? Por outras palavras, estaremos a ir rápido demais?

Ora, de um lado, temos os condutores pacatos e cómodos. Optam por uma condução mais pacífica, porque não só vão estar a economizar combustível, como ainda

contribuem para aumentar a vida útil do sistema do motor. Seria de esperar que todos os condutores tomassem a mesma atitude... Mentira. “Desmetaforizando” o assunto, seria de esperar que a sociedade tomasse uma atitude gradual em relação ao avanço da tecnologia, uma inovação ali, uma inovação acolá, tudo controladíssimo e espetacular aos olhos de todos. Em vez disso, presenciámos um avanço exponencial, fora de controlo até, da tecnologia.

Se de um lado temos os mais quedos e serenos, do outro, temos os mais apressados e conflituosos. Estes têm o pé pesado, (gordo mesmo). Apita, para, arranca, piscadela, gritar tudo o que lhes vai na alma, piscadela nervosa... Repetir processo. Enfim, cansativo só de ouvir. Será assim a sociedade no que toca à tecnologia? “Os carros voadores serão uma realidade em 2025”, ouviu-se na Web Summit. Pura excentricidade ou futuro próximo?

Concluindo, o mundo não para, e com ele, a nossa ânsia pelo novo e inovador. Talvez precisemos de refletir sobre o uso que estamos a dar às novas tecnologias e o rumo que lhes estamos a impor. Resta fazer a pergunta: Devagar se vai ao longe? Ou, Quanto mais depressa melhor?

Raquel Lopes

O Artificio da Inteligência Artificial

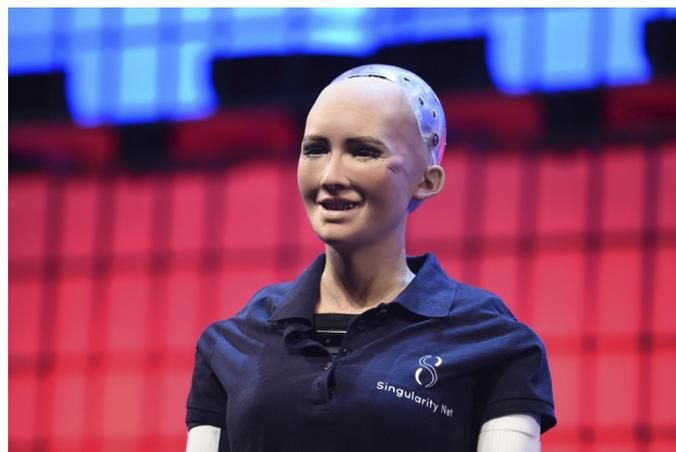
“The sad thing about artificial intelligence is that it lacks artifice and therefore intelligence.” - Jean Baudrillard

O que é que nos torna humanos? O que é que define uma máquina? O quão longe estamos de nos tornarmos máquinas? O quão longe estamos de considerar uma máquina um de nós?

A linha que separa os sonhos da realidade é, a cada dia que passa, mais ténue. Este facto anima-me tanto quanto me assusta, alegra-me tanto quanto me entristece, salva-me tanto quanto me mata... Isto simplesmente porque não investimos o devido tempo em pensar nas consequências e implicações das nossas ações.

Inteligência. Definida como a faculdade de conhecer, compreender, raciocinar, pensar e interpretar, esta é uma das capacidades que nos acompanha, que nos caracteriza, que nos permite intitularmo-nos “humanos”. Assim sendo, quanto menos inteligentes menos humanos? Em princípio não, porém eu diria que quanto menos inteligentes, ou seja, quanto menos pensarmos, conhecermos, compreendermos, racionalizarmos, etc. mais perto estaremos de nos tornarmos máquinas. Não é algo que se tenha ou não, é antes algo que se desenvolve.

Há quem pense. Há quem seja pensado. Há quem não queira pensar. Há ainda quem não possa/consiga. Tendo estas hipóteses em conta é possível fazer associações: há quem não queira pensar e por essa razão é pensado; há quem não possa/consiga pensar e por essa razão é pensado. Pessoalmente o que define uma máquina é o facto de



ela ser pensada. A razão pela qual esta é pensada já não tem tanto peso. Daí o meu medo.

Por outro lado, toda a “inteligência” das máquinas é inata. Isto porque esta nunca teve (e talvez nunca terá) o artificio que lhe permitiria obter inteligência. Este é inato nos humanos. Mesmo que tenha todas as capacidades para ser inteligente, sem este “sexto sentido”, nunca podemos chamar uma máquina inteligente.

Em suma, por enquanto, a inteligência artificial não passa de uma coisa “artificial”. Tenhamos então o artificio de trabalhar o nosso artificio e não tentar mecaniza-lo por preguiça.

Afonso Mendes

No início de novembro, todo o mundo colocou os olhos em Lisboa, quando a capital europeia acolheu a 10ª. edição da **Web Summit**, a maior cimeira de conferências sobre tecnologia, empreendedorismo e o futuro da sociedade, que reuniu mais de 60.000 pessoas dos quatro cantos do mundo. Não obstante, um evento destas proporções não é isento de críticas, pelo que é possível referir aspetos positivos e negativos.

Dependendo do bilhete (entre os 5€ e os 5000€), variavam as condições de participação nas conferências. Para os investidores, os bilhetes, situados a partir dos 700€, permitiam múltiplos acessos a diferentes zonas da cimeira. Para meros estudantes, que podiam assegurar o seu lugar gratuitamente, era apenas concedido acesso às conferências no palco principal. Estas condições apelativas para os estudantes e professores, culminaram em situações, como a presença de alunos do 5º. ano (deve-se referir que as apresentações foram todas a inglês, língua que crianças com 11 anos de idade ainda não dominam), a

estudantes secundários que viram, na Web Summit, uma boa oportunidade de conviver, criando um ambiente de conversa e, conseqüentemente, impedindo as pessoas interessadas de assistir às conferências.

Todavia, há pontos positivos a realçar, pois um evento destas dimensões permite aos participantes conhecer em primeira mão aquilo que está a ser desenvolvido em todas as partes do mundo. Desde conferências com CEOs de grandes empresas, conversas com robôs, a debates com personalidades de diferentes áreas, a

possibilidade de assistir às conferências (no palco principal) permitiu ouvir opiniões, conhecer casos de sucesso e conselhos para ter sucesso no futuro que se avizinha.

Em suma, **Web Summit** é um evento a não perder (visto que é possível fazê-lo de forma gratuita). Permite aumentar o conhecimento daquilo que está a acontecer no mundo, a nível tecnológico, e expandir os nossos horizontes para o futuro.

Vasco Pechirra

Crime de Dados – a nova ameaça à democracia

De dia 6 a 8 de Novembro, decorreu no Parque das Nações a maior conferência tecnológica mundial, o **Web Summit**. Um dos tópicos abordados, numa palestra dada por Christopher Wylie, foi o escândalo de venda ilícita de informações pessoais dos utilizadores do Facebook a empresas e campanhas políticas.

Já todos fomos avisados de que tudo o que publicamos, gostamos ou procuramos (em suma, tudo o que fazemos na Internet) pode ser utilizado como meio de manipulação. Este escândalo foi uma maneira da sociedade abrir os olhos para a realidade em que nos encontramos.

Durante a campanha eleitoral de 2016 nos Estados Unidos, o Facebook funcionou como meio de difusão para fake news com o intuito de influenciar o voto dos eleitores. O seu algoritmo motivava pessoas a entrarem em páginas ou grupos desta rede social com determinadas visões políticas sustentadas por fac-

tos não confirmados. Alguns membros destes grupos chegavam mesmo a combinar encontros para “falar sobre coisas que não se veem nos jornais”, acreditando que as plataformas dos media tradicionais escolhiam ocultar certas notícias ao público. Quanto a isto, eis o que o ex-diretor da Cambridge Analytica disse: “O Facebook aprovou isto. Sempre soube disso e nunca fez nada. A administração de Obama disse-me para não

me preocupar.”

Isto demonstra a deferência com que as figuras de autoridade encaram crimes tecnológicos e de dados. Esta ameaça é menosprezada por ser tão recente e, para muitos, pouco evidente. Porém estas transgressões podem ter um impacto mais abrangente do que muitas das nossas infrações legais; a informação na internet, mesmo que não seja fidedigna, é capaz de alcançar uma audiência maior do que qualquer dos media tradicionais.

É importante que, como membros da sociedade, nos consciencializemos da seriedade deste assunto e que, individualmente, tomemos medidas para o travar; coisas tão simples como apenas confiar em artigos cujas fontes são fidedignas e denunciar aqueles que não as citam ou verificar as definições de privacidade das contas de redes sociais podem fazer a diferença.

Cármén, Catarina e Matilde



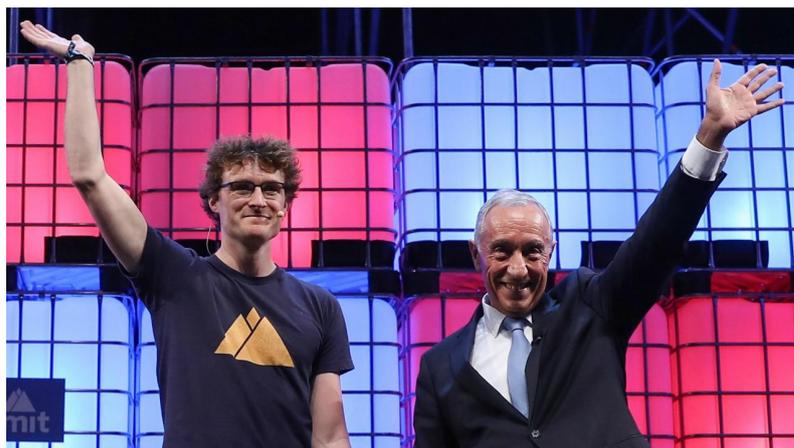


Encerramento - Presidente Marcelo

Tive a distinta honra de participar no evento que, pela importância que os media portugueses dão, até podia valer 25% do PIB português. Na realidade, fui com a escola ao Web Summit, organizado pela versão irlandesa do Zuckerberg, o Paddy. Das muitas palestras interessantes e atuais que ouvi lá, a que se alojou mais na minha mente pequenina foi sem dúvida nenhuma a de o Senhor Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa.

O comandante supremo das forças armadas, na minha opinião, o seu cargo mais apelativo, após ter feito diversas aparições um pouco por todo o Portugal, sempre acompanhado por uma legião de reformados jubilantes, teletransportou-se, assim, ao final da tarde, para o Altice Arena encerrando a 2ª edição do Web Summit. Lá explicitou vários objetivos, todos devidamente cumpridos, o mais importante, sem dúvida o da organização do Web Summit ter feito o obséquio de permanecer, em Portugal por mais 9 aninhos.

Marcelo continuou a incitar as 70 mil pessoas, (sendo honestos mais as 10 mil, porque a maior parte



“almoçou e bazou”), mantendo sempre um discurso vibrante, otimista e patriótico, digno do grande estadista que ele é. No entanto, enquanto o comandante supremo das Forças Armadas ditava os seus 3 desafios para o “WS 2018” e os seus 3 próximos desafios para o próximo ano, não pude deixar de reparar no gosto do Marcelo por achincalhar o Donald Trump. Já não bastava ter-lhe dado um “bacalhau” com tanta força que chegou a ser alvo de notícias na sua visita oficial à Casa Branca, como durante o seu tempo no palco, o Senhor Presidente, usou as palavras de Donald Trump, como “Fake

News” e “Build the wall” para obter umas gargalhadas do público. Um momento também deveras inspirador foi quando ele apelidou toda a gente na plateia de “Transformers”, o que me deixou comovido visto ser o meu desenho animado favorito.

Para concluir, Marcelo mostrou a todos o que era ser português, um cidadão do mundo e ainda mais importante: um homem na idade digital.

Vasco Santos

Moda Futurista

A mudança de estilos é a essência da moda e com o avanço da tecnologia, esta tornou-se a última tendência à qual milhões aderiram. Daí a impossibilidade de atualmente separarmos estes conceitos aliados que retratam a sociedade atual.

A tecnologia que tem vindo a influenciar a evolução da moda, assim como o inverso, muito em breve vai impedir os consumidores de aceitar o lançamento de coleções a cada seis semanas. Na minha opinião, este sistema vai acabar pois precisamos de uma maior eficácia, isto será apenas mais uma moda passageira, onde implementar a interatividade da internet será crucial.

Usufruindo assim da tecnologia, esta permitir-nos-á criar novas combinações, estabelecer novos relacionamentos e novas interações,

pois é neste mundo digital que encontrar novas ideias, partilhar gostos e assim inspirar os que nos rodeiam acontece, a cada piscar de olho. Temos como exemplo já as aplicações Pinterest e Imgur, entre outras, (plataformas onde criadores de conteúdo partilham os seus trabalhos diariamente).

Embora só agora e num futuro próximo seja mais acentuada a necessidade de mudança, a radicalização da moda acompanhada da tecnologia não é de hoje. Distintos o alcance de cada uma delas, ambas buscam maneiras de se adequarem às necessidades de cada homem. Como disse Rachel Waller “Interessam-nos roupas que sirvam de ferramentas auxiliares a maximizar os nossos talentos”.

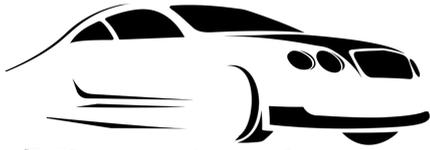
Por exemplo, em 2007 a Chanel fez um desfile em Paris onde as rou-

pas mudavam de forma, diante dos espetadores, reagindo ao aumento ou diminuição da temperatura do corpo humano.

Em suma, uma imagem futurista terá a unicidade da moda e a conveniência da tecnologia, trabalhando juntas para o melhor.

Paula Inês Lopes





Determinar a forma como viajaremos dentro de dez anos nem sempre tem sido fácil. Afinal de contas qual será o futuro dos automóveis? Existe uma enorme gama de possibilidades por onde poderíamos escolher, desde os carros anfíbios aos carros voadores. Mas na minha opinião, a resposta é o carro autónomo.

É verdade que já temos carros capazes de andar na água ou até mesmo no ar. Mas será mesmo isso que precisamos neste momento? Os car-

Carros Autónomos

ros autónomos podem até nem ser tão fantásticos como os anfíbios e os voadores, mas são capazes de transportar qualquer coisa, sem a utilização de um condutor. Por todo o mundo existem milhares de pessoas cegas, mudas, com Alzheimer, com Parkinson ou com outras doenças que as incapacitam de conduzir. Não seria bom para essas pessoas, poderiam movimentar-se para qualquer lado sem a ajuda de outros indivíduos? Eu acho que a resposta seria, “sim”. Afinal de contas com a tecnologia avançada deste carro, teriam tudo o que precisam para o poder fazer.

Além disso, desde a criação dos

primeiros carros, que milhares de pessoas morreram na estrada, nomeadamente devido à própria distração e irresponsabilidade. Não seria bom ter um carro que nos permitisse estar completamente à vontade, a fazer o que nos apetecesse, como estar no telemóvel, a comer, ou a fazer algum trabalho à última da hora, um carro que só precisasse de alguém para dizer qual o destino final, que ele tratava do resto?

Claro que muitos se opõem a esta invenção, mas o futuro acaba sempre por chegar, e mais cedo ou mais tarde será uma realidade que teremos que viver, quer queiramos, quer não.

Leonardo Botto

Inteligência Artificial

No meu ponto de vista, a inteligência artificial tem aspetos negativos e positivos e penso que não podem ser tomada como um conhecimento dominado e que deve ser utilizado para tudo.

Por um lado, e positivamente, este desenvolvimento tecnológico veio dar às pessoas a possibilidade de poderem aproveitar ao máximo o tempo que têm, em que as tarefas mais aborrecidas e que consomem mais tempo foram automatizadas e já não constituem um fardo para os humanos. Temos, como exemplo, os carros auto-conduzidos, onde o stress provocado pelo trânsito e os acidentes diminuem e a qualidade de vida das pessoas aumenta, e, para

além disso, certas funções dos nossos telemóveis, tais como o reconhecimento de voz, que nos permite ligar a alguém mesmo com as mãos ocupadas ou expor dúvidas e receber uma resposta automática (Siri nos telemóveis da marca Apple).

Por outro lado, e negativamente, a inteligência artificial permitiu transportar os robôs para além do conceito de máquinas e traduziu-se na criação de robôs humanos. Temos como exemplo a robô Sofia, que apesar de ter sido criada com o intuito de fazer companhia a idosos em casas de repouso, já foi reconhecida pela Arábia Saudita como cidadã e, contrariamente ao que diz a lei do país, não anda tapada como as restantes mulheres da mesma nacionalidade.

Perante esta posição da Arábia Saudita entende-se que um robô é mais importante que os próprios humanos, quando na verdade é uma criação deles.



Concluindo, para mim, a inteligência artificial deve ser usada para facilitar a vida das pessoas e não para as substituir, deve ser usada com consciência e com ética pois, se ainda hoje se luta pelos direitos humanos é porque eles não são respeitados pelos próprios humanos; então, quem pode garantir que os robôs o farão?

Mariana Pessoa



Facebook, Instagram, WhatsApp, as tentações virtuais são diversas e surgem a uma velocidade difícil de acompanhar.

Enquanto a maioria das pessoas faz uso moderado para se comunicar ou entreter, muitas caem na rede online e não conseguem desconectar-se.

Com os constantes avanços na tecnologia, cada vez mais existem aplicações, sites, dispositivos, jogos, entre outros, que nos prendem neste mundo digital. Com isto criamos

dependências que nos podem prejudicar tanto a nível profissional como a nível pessoal. Estudos afirmam que doze por cento da população portuguesa corre risco elevado de desenvolver vícios, acabando assim por deixarem tal ferramenta, que deveria apenas servir para nos ajudar no dia a dia, domine a nossa vida.

Para contrariar tal acontecimento, temos de atuar acima de tudo na geração que ainda é jovem e que se guia muito pelas tendências acabando por se refugiar quase sempre na internet. Podemos mudar isto

criando planos e programas que evitem o sedentarismo, tais como todo o tipo de atividade física, o voluntariado, a prática musical ou até mesmo planos em família que neguem o contato com as tecnologias.

Em suma, para contrariar esta corrente que se tem vindo a intensificar ao longo do século XXI precisamos de criar nos jovens hábitos mais ativos e energéticos.

Tiago Ramos



FAKE NEWS

Atualmente, o público está bastante familiarizado com aquilo que conhecemos por “fake news”. O fenómeno em causa não terá surgido agora, mas o facto de, nos últimos tempos, ter vindo a tomar proporções de maior dimensão, é incontornável. Contrariamente ao que se pensava, a tecnologia não abrandou, nem mitigou este problema. Terá antes facilitado a sua propagação?

Recentemente, o presidente Trump revogou, a um repórter da CNN, o passe que lhe permitia aceder à Casa Branca para comparecer nas demais entrevistas e conferências e recolher informação, como é o seu trabalho. A Casa Branca alega que o jornalista terá sido agressivo para uma funcionária, que lhe terá tentado remover o microfone, para que não pudesse terminar a sua questão, depois do presidente o proibir de

falar. Dão como prova um vídeo, que aparentemente capta a cena. Veio-se a saber, contudo, que o vídeo é falso e se trata de uma edição. Este conflito só vem provar que, neste aspeto, a tecnologia tem, efetivamente, consequências negativas.

Em primeiro lugar, o fator anonimato. Evidentemente, o avanço tecnológico permite um acesso universal às ferramentas necessárias para formular e divulgar “fake news”. Sendo assim, qualquer indivíduo que usufrua, inclusivamente, dos meios tecnológicos mais simples, poderá, se desejar, deturpar entrevistas ou discursos para sua posterior publicação, sempre no conforto do anonimato. Não se sabe quem terá editado o vídeo do repórter, mas a questão é, precisamente, a de que qualquer pessoa, com os conhecimentos tecnológicos fundamentais, o poderia ter feito.

Por outro lado, temos a óbvia rapidez e eficiência da tecnologia. A proliferação do fenómeno está, hoje, à curta distância de um clique, e existe uma panóplia de plataformas online onde se pode propagar. Sendo assim, a tecnologia funciona como um complemento mais eficaz dos jornais e

noticiários. Tanto a situação acima descrita, como todos os outros episódios de falsificação de notícias, chegam a milhões de utilizadores numa questão de segundos.

Para além disto, o progresso da tecnologia traz novos meios de falsificar. Na altura da Guerra Fria, por exemplo, foram vários os boatos falsos lançados pela União Soviética, no sentido de denegrir a potência americana. Hoje em dia, as chamadas “fake news” podem adquirir diversas formas. Não são apenas histórias inventadas ou histórias deturpadas, mas também, tal como no exemplo do jornalista da CNN, vídeos editados, fotografias forjadas, entre outras maneiras de iludir, dissimular e obstruir a verdade de comunidades inteiras.

Temos, realmente, em causa um fenómeno que é, inegavelmente, uma das maiores ameaças da sociedade moderna, e a tecnologia apenas vem exacerbá-la.

M^a João Borges Bogalho

What is society without social media?

Nos dias que decorrem, a sociedade alimenta-se bastante dos media e das grandes aplicações que os suportam, levando a um clima global insatisfatório, e por vezes, até depressivo que parece ser combatido pelas aplicações *premium* populares existentes.

Primeiramente, definindo as aplicações que suportam os media, sendo estas *Instagram*, *Facebook*, *Twitter*, entre outras: são grandes empresas e *apps* com grande renome mundial que mantêm as más notícias e a publicidade a passar nos media para se sustentarem e que, por sua vez, criam infelicidade nas pessoas que usufruem de tais *apps*, isto prova-

do por estudos apresentados na *Web-summit*.

Em segundo lugar, a partir des-



ses estudos que provaram a insatisfação dos usuários temos também, a opor-se a este clima, *apps*, tal como o *Spotify* e a *Netflix*, que por serem *premium* e não terem a necessidade de passar publicidade para se sustenta-

rem, entretêm os subscritores com o que realmente lhes alegra ou motiva.

Concluindo, o que está em causa não é a quantidade de tempo que desperdiçamos nos media e como devíamos mudar, mas sim a maneira como os media são feitos, transmitidos e nos afetam. Vejo claramente uma grande oposição entre conteúdo grátis e conteúdo pago, e acho que deve haver um balanço entre estas duas contradições, pois nem todos têm capacidade para sustentar a sua vida e ainda pagar por conteúdo *premium*, mas todos nós merecemos o acesso à felicidade, ou melhor, conteúdo, nesta nova era, que traga motivação à vida.

Miguel Costa

O Que Me Inspira

Num mundo em que tudo o que se considera surpreendente depressa se torna banal, num mundo em que se tem acesso a quase tudo à velocidade da luz, num mundo em que já quase nada fascina, há que dedicar toda a atenção possível aos pormenores. Devemos aprender a sentir, escutar e observar as coisas mais simples, os fenómenos mais naturais, os atos mais heroicos.

Há quem careça de resposta a esta questão, que parece tão óbvia, sendo no entanto tão dúbia: que coisas, fenómenos e atos serão esses que, hoje em dia, nos permitirão sentirmo-nos tão inspirados? Música com sig-

nificado. Aqueles dez minutos do fim do dia em que o céu assume dezenas de tons diferentes. O mar; as ondas, a rebentação; a cor da água fruto do reflexo dos raios de sol. Conhecer pessoas que mudaram a sua vida ou mudaram as dos outros; pessoas que da forma mais justa e humilde alcançaram os seus objetivos; pessoas que, tendo tudo ou nada, se dedicaram a ajudar o próximo. Voluntários: desde jovens viajantes que percorrem os países mais inóspitos, a pé e de mochila às costas, até bombeiros que arriscam a sua vida para que casas não fiquem destruídas, pessoas não fiquem feridas, aldeias inteiras não ardam.

O que me inspira é a minha família, pais e irmãos, que passados tantos anos ainda me conseguem surpreender. O que me inspira são as pequenas coisas que todos damos como garantidas e raramente nos lembramos que um dia podem já não existir.

Tudo isto me inspira, tudo isto eu admiro.

Mariana Garrido



Lisbon



I'm going to write an essay about Lisbon, a rich city, whether historically, culturally or esthetically speaking, and, these three are bound together because the city looks are results of the city's history, and it's history was written by it's people, the portuguese.

Lisbon is located on the shore of the atlantic ocean, capital city of portugal and europe's westernmost city, it is said that is in a perfect place, with attractive climate condicions, high quality gastronomy and low-cost lifestyle it has become a touristic paradise.

But the city's winner is nowhere to be located, as it is untouchable but always present, those monuments like

belém tower, the medieval iconical defensive tower, the monastery of Jerónimos, which is now a part of the world heritage or Saint Jorge's castle, rising tall on the top of the hill work for a little demo of Lisbon.

After this cultural shower, experiences like a simple walk in Alfama streets, where fado and tiles meet the five senses, really reach out and touch one's heart, and people notice that the city breathes with them.

I'm bringing a conclusion to this essay stating that, portuguese guilt, Lisbon may be the best city of all, as it is beautiful and engraved by history.

Miguel Silva

Projeto de Ilustração da Cantiga de Amigo

Bailemos nós já todas três, ai amigas

Inspirado nos desenhos a tinta da China de Amadeo de Souza Cardoso e utilizando obrigatoriamente diferentes texturas.

10º ano Desenho A

Cantiga original *Bailemos nós já todas três, ai amigas*

Bailemos nós já todas três, ai amigas,
sô aquestas avelaneiras frolidas,
e quem for velida, como nós, velidas,
se amigo amar,
sô aquestas avelaneiras frolidas
verrá bailar.

Bailemos nós já todas três, ai irmanas,
sô aqueste ramo destas avelanas,
e quem for louçana, como nós, louçanas,
se amigo amar,
sô aqueste ramo destas avelanas
verrá bailar.

Por Deus, ai amigas, mentr'al nom fazemos
sô aqueste ramo frolido bailemos,
e quem bem parecer, como nós parecemos,
se amigo amar,
sô aqueste ramo, sol que nós bailemos,
verrá bailar.



Guilherme Mendonça



Beatriz Marcelino



Leonor Serra



Leonor Antunes



Rita Silva



Djarene Menezes



Clara Lacerda



Margarida Cuba



Carolina Castro



O que me Comove e Inspira

Comoção é para mim
Algo sem causa aparente.
Tanto choro porque sim,
Como quando estou carente.

Quando choro porque sim
É porque quero chorar.
Deixo o pranto para mim,
Só p'ra me aliviar.

Deva-se à pressão da vida,
Deva-se a outro fator,
Basta tocar numa ferida
Onde não sentia ardor.

Outras vezes, como disse,
A razão é evidente.
Regra geral é por estar triste
E estando da causa ciente.

Foi num dia assim sem cor
Que fiz esta composição
E essa precisa dor,
Foi quem me trouxe inspiração.

Joana Pechirra

É na escuridão da noite que, olhando para as estrelas,
Dizemos tudo o que sentimos e tudo o que desejamos.

Desde que nasci que vivo na escuridão,
O meu pensamento no silêncio
E a minha virtude no segredo.

Não tenho medo nem das chuvas noturnas,
Nem das grandes ventanias obscuras
Afinal também eu sou a escuridão da noite flamejante.

Pensei que era possível fugir deste sentimento,
Mas enganei-me e não consegui resistir a este tormento
Afinal de contas, a minha força está na solidão,
E sem ela não vivo neste mundo de rendição.

L.B.tt

24 de Março 2018

As folhas da minha paixão
Quando os meus batimentos cardíacos
Seguirem a sintonia de uma estação
Serão como folhas ressequidas
Que rodopiam até estarem caídas
Exemplares de um mar de mortes coloridas
Esmagadas pelos batimentos desconhedores da solidão

Daniela Flamino

O caminho da Escuridão
Nascido da luz do inferno
Ou da luz da escuridão
Todos nós nascemos
E emergemos bons de coração

A luz que emitimos
Todos a podem ver
alguns decidem refletir
Mas só tu podes escolher

Não digo que seja consciente
Ou que não, mas ao longo da tua vida
Vais sentir essa enorme adversão.
Sei que vais ficar triste e mal de coração
Mas a vida é mesmo assim sem reação

Podes pensar que estou a ser pessimista
Pois todos acham que não são
Mas do fundo do coração,
Deixa essa vida, e segue a escuridão.

L.B.tt

01 Fev. 2018

Por falar em poetas...

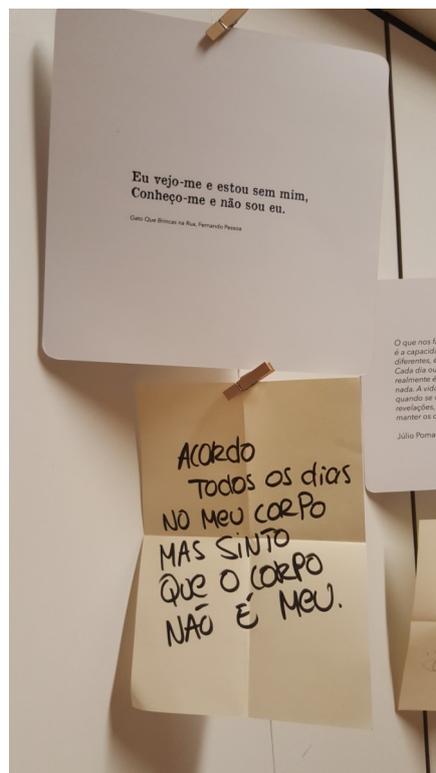
Em novembro, Fernando Pessoa, o nosso poeta, veio à Escola!

Promovida e dinamizada pela Casa do nosso Poeta, teve lugar no auditório do Rainha uma oficina criativa intitulada “Máquina do Devaneio”.

Ao longo de hora e meia, os alunos foram levados numa deambulação pelo universo de Pessoa e seus heterónimos, numa viagem temporal que os levou ao início do século XX. Através de diversas atividades, os participantes foram estimulados a refletir sobre a obra do poeta e

questões relacionadas com a identidade e a heteronímia. Para além do visionamento de um filme da época, foi ponto alto da sessão o contacto com uma autêntica máquina de escrever do tempo de Pessoa e a oportunidade de experimentar “bater” num teclado doutros tempos.

No final, houve ainda a possibilidade de os participantes darem largas ao seu próprio devaneio, concretizado numa mini-exposição dos trabalhos produzidos,



O Pesadelo do Jogo da Vida

Em tempos, existiu o Pesadelo. O Pesadelo puxava pelas lágrimas, invertia sorrisos e tingia corações de negro. Não tinha um tipo de vítimas definido, tanto podiam ser espíritos alegres com corações palpitantes e esperanças coloridas como almas penadas que permaneciam em repouso no fundo do poço sem procurar a luz da saída. No entanto, existiam alvos que o Pesadelo desejava obter, sedento pelo poder, opressão e manipulação que poderia transmitir: os Peões do tão bem cuidado Jogo da Vida.

Os Peões eram todos diferentes, não existia um com um historial de jogo igual ao de outro, e dependiam de um tabuleiro, dados e cartões para que a sua existência fizesse sentido. O Pesadelo ansiava deitar-lhes a mão, moldá-los a seu belo prazer, usá-los como forma de aclamar a sua vil supremacia. Depois de muito pensar, o Pesadelo elaborou um plano mesquinho e bastante cruel. Modificando completamente a sua personalidade, seduziu a Vida com bastante brio, sempre com o tabuleiro em mente.

A Vida sempre foi ingénua, um pouco tola até, e acreditou piamente que a reputação do Pesadelo era fundamentada em boatos, sem saber que se entrelaçava numa teia onde a aranha se preparava para injetar o seu veneno. Em danças românticas, ela sorrindo apaixonadamente, ele sorrindo com malícia, a Vida ia engolindo mentiras de um amor cujo efeito secundário ainda não fora revelado.

Por fim, de mãos dadas, a Vida mostrou o mostrou o seu tabuleiro ao Pesadelo. De olhos cintilantes, revelou os seus planos para o futuro do relacionamento, onde os dois cuidariam do tabuleiro, lançando dados e lendo cartões para todo o sempre. Foi nesse momento que a máscara caiu e a verdadeira face do Pesadelo foi revelada.

Com tirania crescente, apoderou-se do tabuleiro. Pintou o mesmo com a cor mais escura que encontrou, escreveu ameaças e testamentos na sua superfície, fez novos cartões só com punições e sentenças pejorativas e modificou os dados para levar sempre o jogador à casa final. Finalmente, concentrou-se nos peões. Moldou-os, alterou os seus historiais de jogos, fazendo-os esquecer dos lados positivos da sua existência e apenas visualizar a casa final como a salvação.

Enquanto tal catástrofe acontecia, a Vida apenas observava, sem saber como reagir. Ver o grande amor da sua existência a destruir tudo aquilo que a Vida tanto cuidara, como se de um filho se tratasse, deixou um vazio dentro de si que nem a tristeza ou a desilusão

preenchia. Porém, algo surpreendente aconteceu. A raiva encheu o vazio do interior da Vida e transformou-se em sede por vingança.

Sem pensar duas vezes, a Vida lançou-se em socorro do seu tabuleiro e travou uma batalha com o Pesadelo, batalha essa de onde saiu surpreendentemente vitoriosa. No entanto, para grande espanto da Vida, a alma do Pesadelo foi absorvida pelo tabuleiro. Muito lentamente, a Vida começou a tentar recuperar o tabuleiro, e tudo apareceu voltar ao normal. Mas tal nunca chegou a acontecer.

Algumas casas não conseguiram ficar limpas da cor negra, alguns cartões recusam-se a deixar para trás as suas ações horrendas e a casa final permaneceu com um símbolo desenhado pelo Pesadelo, um desenho estranho e assustador que, por muito que tentasse, não se conseguiria descrever. Mas a maior modificação foi nos peões. Alguns só respondiam aos dados se fosse para alcançarem uma casa escura, outros só obedeciam às cartas nefastas e muitos corriam para a casa final.

A Vida conseguia impedir alguns, mas muitos eram bem sucedidos. E foi assim que o Jogo da Vida se alterou bruscamente, onde o causador de tudo jazia nas ações malignas das partidas e onde a Vida, sem nada que conseguisse fazer, tentava salvar peões iludidos pelo descanso espiritual que os aguardava na casa final e esforçava-se para esquecer o “amor” que a destruiu e a iludiu.

Daniela Flaminio



(Desenho de Gonçalo Silva, inspirado no quadro “A Persistência da Memória”, de Salvador Dali)

AMOR:

Lembro-me quando saía de casa e caminhava até à quinta da Luna. Nessa altura, vivia uma inocência doce e travessa chamada infância, lembro-me de tudo... lembro-me da alegria de montar as carroças puxadas pelos burros e das noites de verão a dançar no celeiro.

Quando a Luna foi para a escola, conheci a Solidão que começou a acompanhar-me para todo o lado. Com o

passar do tempo, a Luna fez novas amigas e eu, em vez de ir brincar para o celeiro, ficava em casa à janela, a ver. A ver a quinta, a ver a Luna, a ver as noites tornarem-se dias, eu via tudo, menos o que estava mesmo debaixo do meu nariz...

A minha mãe também conhecia a Solidão, o meu pai partira para a guerra e nós passávamos as noites à

(Continua na página 25)

(Continuação da página 24)

fogueira a ler as suas cartas. Eu não entendia como é que a minha mãe podia chorar, rir, sonhar ao olhar para aqueles papéis cheios de rabiscos, não eram desenhos, não eram canções, não eram nada. Certo dia, perguntei-lhe isso mesmo e ela respondeu que eram letras, perguntei-lhe se podia também ver as letras e ela riu-se.

A partir daí a Solidão foi-se embora e eu aprendi a maravilhosa arte da escrita. Passámos tardes a escrever junto à janela, mas, o que mais me fazia confusão era a minha mãe ir perdendo o bonito cabelo, aos poucos e poucos, de dia para dia.

Passados uns meses eu acordei e havia um doutor sentado no canto

da sala. E o que aconteceu a seguir... eu chorei, chorei, a Luna e os outros vizinhos foram lá a casa, uns fungavam, outros gritavam “apanhou a peste!”, a Luna abraçava-me e desculpava-se e eu chorava, chorava, chorava...

Na manhã seguinte, acordei meio atarantada, estava em casa da minha avó Sofia e, no fundo da cama, havia um papel dobrado, abri-o e, na maravilhosa caligrafia da minha mãe, lia-se “amor”.

Texto realizado na disciplina de Português a partir da observação da imagem de Mário Eloy.

(por Inês Ínsua)



Se Eu Fosse uma Galáxia

Se eu fosse uma galáxia, queria ter muitos planetas e teriam como nomes: Pluturno, Trota, Fénix, Nabo e outros.

O meu nome seria Galáxia de Brian, teria 5 000 000 000 biliões de anos-luz de diâmetro, e a minha forma seria irregular, tendo algumas parecenças com Andrómeda.

Sou composta por gases, poeiras e muitas, muitas, muitas, muitas estrelas. Umhas estrelas são grandes, de cores rosa e amarela, e outras são mais pequeninas e são vermelhas e azuis.

A galáxia, para mim, seria como uma cidade onde os planetas se portam mal e vão para a prisão interestelar. Esses planetas seriam habitados por pulgas e carraças, não existiriam pessoas.

Eu comandaria tudo à minha maneira, e a polícia, os bombeiros, até os paramédicos seriam cometas.

Eu seria uma ótima galáxia, onde todos queriam viver.

Brian Teixeira



Se eu fosse uma galáxia, gostaria de ser uma galáxia irregular, ou seja, não teria uma forma geométrica definida, portanto, a minha forma seria diferente da de todas as outras. A minha idade seria de aproximadamente 12 mil milhões de anos, assim como a grande maioria das galáxias.

O enxame de galáxias de que eu faria parte teria milhares de galáxias, sendo assim um enxame rico, que por sua vez faria parte de um superenxame gigantesco com muitos milhões de anos-luz de extensão.

No interior da galáxia existiriam vários agrupamentos de planetas e estrelas e cada um com uma estrela principal, tal como acontece com o Sistema Solar localizado na Via Láctea.

Manuel França

Se eu fosse uma galáxia era uma galáxia com trinta planetas, dos quais quatro deles tinham vida.

Cada um tinha o seu nome e a sua cor.

O primeiro era verde e chamava-se Noise, os seus habitantes eram azuis e tinham três olhos. O segundo era cor de rosa e chamava-se Pamate, os seus habitantes eram cor de laranja e tinham quatro braços.

O terceiro planeta era amarelo e chamava-se Dorumodi, os seus habi-

tantes eram muito altos, roxos, e tinham duas bocas, uma delas na testa.

E finalmente o último, chamava-se Hetava, e era castanho, com manchas amarelas torradas, e os seus habitantes eram sorridentes e tinham seis orelhas e duas antenas.

Madalena Nuno

Se eu fosse uma galáxia gostaria de ser uma galáxia em espiral, parecida com a M106 do Catálogo de Messier, e gostaria de não estar muito longe da Via Láctea, pois iria ter um planeta “gémeo” da Terra.

Seria separado por três conjuntos, M, DC e A, que dentro deles daria a impressão de serem três galáxias separadas. E os seres que lá habitariam não teriam conhecimento de que as outras duas “galáxias” existiam.

Eu gostaria de alojar variadíssimos tipos de seres, incluindo os humanos (se calhar não seria uma escolha muito sensata!).

Para além de tudo isto, cerca de 70% dos planetas seriam habitados, cada um com o seu diferencial e ainda existiria o planeta central, que seria uma espécie de centro de interação entre galáxias.

De acordo com o Catálogo de Messier, o meu nome seria M 8112.

Manuel Serra

CREM em Ação

O CREM, na sua estrutura escolar, tem um professor bibliotecário e vários docentes que o coadjuvam em toda a sua dinâmica. No presente ano letivo, a sua equipa tem dinamizado várias atividades envolvendo a comunidade escolar caracterizadas pela celebração de efemérides.

Durante o mês de outubro, celebrámos o Mês Internacional da Biblioteca Escolar com o mote “Eu ♥ Biblioteca Escolar”, ao abrigo da IFLA - International Federation of Library Associations and Institutions, tendo sido elaborado um cartaz que posteriormente foi colocado em diferentes espaços escolares.

O ponto alto deste mês foi a celebração do Dia Nacional pela Prevenção do Cancro da Mama que homenageou todas as que padecem desta condição e todos os que podem passar em primeira pessoa por esta situação com a integração no evento “Onda Rosa 2018”, ao abrigo da Liga Portuguesa Contra o Cancro, com a criação de um laço cor-de-rosa coletivo na porta e painel do CREM e a inscrição do nome a quem o dedicamos.

Durante o mês de novembro, os painéis do CREM apresentaram os trabalhos de várias turmas do 7º ano, celebrando a Ação de Graças tradicionalmente conhecida por Thanksgiving (em Inglês) e evocativa da cultura anglo-saxónica da América do Norte.

No dia 11 de novembro (Dia do Armistício), com início escolar no dia seguinte por coincidir com um domingo, os alunos da turma 1, do 9º ano, envolveu-se nesta celebração organizando uma exposição de trabalhos nos painéis do CREM, sob a orientação do seu professor de História.

No dia 23 de novembro, os alunos do curso profissional do 12º ano envolveram-se numa exposição intitulada Globalização: algumas perspetivas, sob a orientação da professora de Área de Integração.

Outras exposições foram realizadas e outras estão previstas, salientando as seguintes celebrações: o Dia da Reforma, no dia 31 de outubro; o Dia Nacional da Língua Gestual Portuguesa, no dia 15 de novembro; e a exposição dos alunos do 12º ano, Cidadania e os Direitos Humanos.

Acresce-se mais evento: O Natal. Embora em situação de atividade paralela ao CREM, tem a importância pela qualidade e imagem que valoriza não só o CREM como a nossa escola como entidade cultural e de ensino que é para a comunidade envolvente. O professor Luís Sequeira, também elemento da nossa equipa, elaborou todos os elementos decorativos das janelas deste espaço, criando um ambiente mais acolhedor e anunciando o evento representativo da primeira interrupção letiva.

Para que todos estes eventos fossem celebrados, houve e há uma equipa com elementos dedicados e esforçados por trás de uma BIBLIOTECA que se pretende ser integradora da atividade escolar propícia “à aprendizagem e ao desenvolvimento de competência, onde os alunos adquirem as múltiplas literacias” (Aprender com a Biblioteca Escolar 2018-2019, RBE, visualizado em 23/11/2018)

Paulo Gomes

Professor Bibliotecário no CREM





Escolhas, Decisões, Sonhos

Todos os dias temos de tomar decisões. Decidir a que horas vamos acordar, o que vamos vestir, o que comer, como vamos para a escola, com quem vamos estar, o que vamos estudar, se enviamos ou não uma mensagem, o que vamos ler/ver, etc, etc etc.

A maior parte destas escolhas são feitas de forma automática. No entanto temos muitas decisões que têm de ser mais ponderadas.

Temos, por exemplo, a transição do 9º para o 10º, depois do 11º para o 12º e daqui para a vida ativa ou para o ensino superior.

Como já tive oportunidade de referir noutros textos, a exploração da informação sobre as alternativas que temos é de extrema importância, assim como desafiar alguns mitos tais como: “estes cursos não são dignos”, “este não tem saídas profissionais”, “não dá acesso a profissões bem remuneradas”...

O mais importante de tudo é ter um bom conhecimento de si próprio para poder fazer a escolha mais acertada pois o meu sucesso dependerá mais das minhas características pessoais e do que eu fizer para obter esse sucesso do que propriamente do caminho que eu escolher pois os caminhos não estão pré-definidos, somos nós que os vamos fazendo.

Num mundo em grandes mudanças mais do que escolher uma carreira o importante é seguir um caminho.

O grande receio de alunos e pais é o de escolherem o percurso errado. Desde que a decisão seja bem ponderada será sempre acertada mesmo que mais tarde a vida nos leve para outros caminhos.

Para tomar estas decisões o que podemos/devemos fazer?

Estar atentos às profissões e formações das pessoas que nos rodeiam, fazer perguntas, conhecer locais de trabalho conversando com pais, familiares, amigos, professores, psicólogos ou consultando sites, blogs ou jornais e revistas.

Ao longo do ano letivo o SPO faz várias atividades com o objetivo de ajudar os alunos nestas tomadas de decisão:

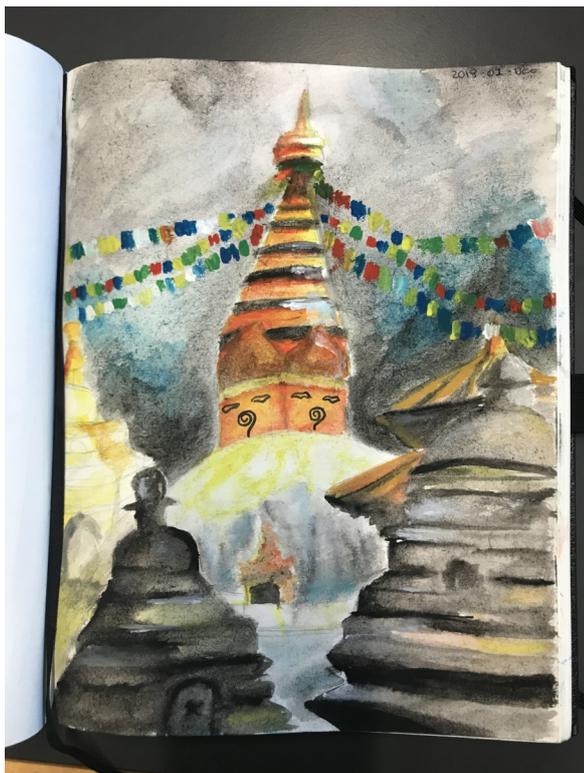
- disponibilidade permanente para esclarecer dúvidas, presencialmente ou através do e-mail (joana.franca@aerd1.eu);
- divulgação de informações na página da escola, na área do SPO;
- sessões de métodos de estudo para os alunos do 7º ano;
- sessões de orientação escolar e profissional com os alunos do 9º ano;
- Congresso do 9º ano;
- colaboração com a Associação de Estudantes na dinamização da Semana Académica onde estão presentes profissionais de todas as áreas para falar aos alunos da sua formação e funções que exercem;
- sessões de esclarecimento sobre os exames nacionais;
- apoio à escolha das disciplinas de opção do 12º ano;
- dinamização do Inspiring Future com uma sessão de esclarecimento sobre o processo de candidatura ao ensino superior;
- implementação do projeto Rainha Pensar o Futuro, dirigido aos alunos do 12º ano, com as colegas Susana Rodrigues e Manuela Bastos;
- reuniões com encarregados de educação.

Com curiosidade, procura, investimento, planeamento e confiança estes desafios serão facilmente superados.

Joana Franca



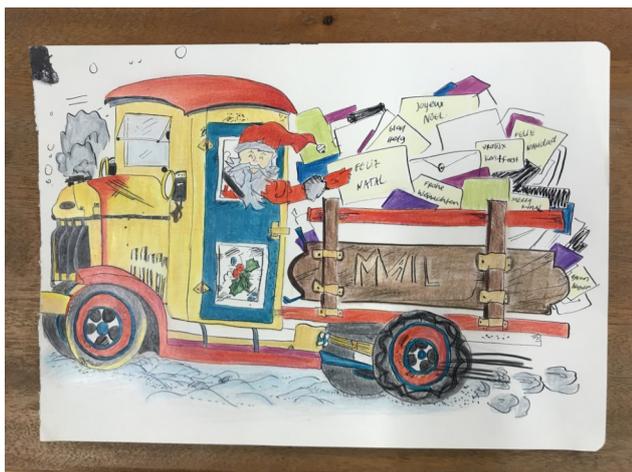
Visões Diferentes do Natal



Melina do Nepal.



Luka da Holanda.



Valentina do México.

Voto de Natal

Acenda-se de novo o Presépio do Mundo!
Acenda-se Jesus nos olhos dos meninos!
Como quem na corrida entrega o testemunho,
passo agora o Natal para as mãos dos meus filhos.

David Mourão Ferreira

O **Jornal Académico** deseja a todos
um Feliz Natal e um próspero Ano Novo!



Na próxima edição:

Os 70 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, comemorado no dia 10 de dezembro de 2018.